

# *The Dark Side of Floripa: Ecosofia Apocalíptica, Arte-Encruzilhada e Paisagens Entrópicas*

The Dark Side of Floripa: *Apocalyptic Ecosophy, Crossroads Art and Entropic Landscapes*

The Dark Side of Floripa: *Ecosofía Apocalíptica, Arte Encrucijada y Paisajes Entrópicos*

Carlos Eduardo da Silva

Universidade Federal do Acre

E-mail: eduardo.soul3@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8973-0437>

Helena Szerwinsk de Mendonça Rocha

Universidade Estadual de Santa Catarina

E-mail: szerwinskisistema@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7642-2010>

## RESUMO

Desinfinitizar com os restos a beleza de um cartão-postal. Itinerários inscritos em linhas, traçados do olhar e do ver pela capital do estado de Santa Catarina. Um pensar sobre o bairro Itacorubi e as graves problemáticas existenciais, tendo como tema de reflexão a arte pública. Procuramos desenhar o feio, em um afetar com os restos da cidade, embrenhando pela Ecologia Menor inspirado nas ideias da pesquisadora Ana Godoy. *The Dark Side of Floripa* é um aterramento artístico de um ser não ecológico. Um desejo de composição de errâncias e (des)limites da palavra, uma descartabilidade com as noções de pensamentos-embalagens e de vasilhames mentais, uma partitura dissonante – *the end of the night*. Identificamos locais perturbadores e aterramos nossas inquietações nesses terrários.

**Palavras-chave:** *Arte pública. (Fuga)cidade. Outrização. Homos Chorume.*

## ABSTRACT

Definitize the beauty of a postcard with the remains. Itineraries inscribed in lines, traced by looking and seeing through the capital of the state of Santa Catarina. A reflection on the Itacorubi neighborhood and the serious existential problems, with public art as the theme of reflection. We sought to draw the ugly, in an affect with the remains of the city, delving into Minor Ecology inspired by the ideas of researcher Ana Godoy. The Dark Side of Floripa is an artistic grounding of a non-ecological being. A desire to compose wanderings and (un)limits of the word, a disposability with the notions of thought-packaging and mental containers, a dissonant score – the end of the night. We identify disturbing places and ground our concerns in these terrariums.

**Keywords:** *Public art. Fleetingness. Outsourcing. Homos Chorume.*

## RESUMEN

Definir la belleza de una postal con los restos. Itinerarios inscritos en líneas, trazados mirando y viendo a través de la capital del estado de Santa Catarina. Una reflexión sobre el barrio de Itacorubi y los graves problemas existenciales, teniendo el arte público como tema de reflexión. Buscamos dibujar lo feo, en un afecto con los restos de la ciudad, ahondando en la Ecología Menor inspirados en las ideas de la investigadora Ana Godoy. El lado oscuro de Floripa es una base artística de un ser no ecológico. Un deseo de componer vagabundeos y (i)límites de la palabra, una desechabilidad con las nociones de empaquetado de pensamientos y contenedores mentales, una partitura disonante: el final de la noche. Identificamos lugares perturbadores y fundamentamos nuestras preocupaciones en estos terrarios.

**Palabras clave:** *Arte público. Fugacidad. Subcontratación. Homos Chorume.*

Artigo recebido em: 13/03/2023  
Artigo aprovado em: 18/10/2023

## Planeta-fome: esverdeamento do capitalismo em Paisagens Entrópicas

O *planeta fome*<sup>1</sup> é a metáfora espacial que representa a vida de uma das maiores cantoras que o Brasil já conheceu pela sua reconhecida trajetória artística. Dona de uma voz grave inconfundível e de um timbre aveludado inesquecível, a artista brasileira Elza Soares, nascida numa favela no Rio de Janeiro na década de 1930, mãe de dois filhos mais novos que haviam morrido da fome e que

---

SILVA, Carlos Eduardo da; ROCHA, Heleno Szerwinsk de Mendonça. *The Dark Side of Floripa: Ecosofia Apocalíptica, Arte-Encruzilhada e Paisagens Entrópicas*. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.45238> >

ameaçava novamente, decidiu então cantar para que o filho mais velho, o terceiro João Carlos, não morresse logo. Como não tinha dinheiro para cuidar dele e ouviu na rádio Tupi que um programa chamado “Calouros em desfile” estaria com um prêmio acumulado, reuniu forças e fez sua inscrição: não tinha roupa nem sapatos, não tinha nada. Mesmo assim pegou uma roupa da sua mãe, que pesava 60kg, e vestiu. Detalhe: ela só pesava na época 32kg. Ajustou a roupa com alfinetes. Quando a chamaram, levantou-se e entrou no palco. O auditório estava lotado, todo mundo começou a rir alto e debochar dela. O apresentador Ary Barroso ao vê-la vestida com trajes pobres a perguntou: – *Me diz uma coisa, de que planeta você veio, minha filha?* Elza Soares respondeu: – *Do mesmo planeta que o senhor, seu Ary, do planeta fome.*

*Planeta fome*, este em que a sociabilidade de espécies segue sendo repensada com a Ecologia Menor, inspirado nas ideias e digressões da pesquisadora Ana Godoy (2008, 2011, 2015, 2023) que nós trazem possibilidades de criar desenhos verbais como formas de construir caminhos reflexivos com as artes, repensando noções sobre a ecologia e toda complexidade que nos envolve pela casa, tendo em vista a diversidade contaminada do mundo tal como nos fazem ver, em que urge um processo de aniquilação da vida e de mudanças com o regime de sensibilidade<sup>2</sup> – apoiando-se nas ideias do filósofo Emanuele Cocchia contidas na obra *Metamorfoses*.

A Ecosofia Apocalíptica é este prenúncio de nossas vozes invisíveis<sup>3</sup> ameaçando o cego silêncio dos saberes-poderes encapsulados com o germe da aniquilação, cantando territórios de vida com a sociabilidade dividida pelo *planeta fome*. Medo, caos, desordem, destruição, guerras, pouco nos assusta – percebe-se neste século do ego –, o capitalismo sem ética venceu multidões por meio de práticas domesticadoras. O *ser* não ecológico em alerta, em dúvida, em alarme, em crise, reforça a impossibilidade de uma escolha mais simples, com os outros e com sua “casa” que cada vez mais aumenta e gera mais impactos. Consciências eclipsadas na prateleira de supermercado, que produzem efeitos deletérios. Será que vivemos apocalípticos com o planeta, em relação ao campo visual do celular que distrai, ao viver programado de um “fim”? Afinal, o que nos coloca a “pior” no que está porvir nesta encruzilhada planetária, serão teorias ou nossas práticas de aniquilação?

Ir para a festa é o que nos resta então, enquanto invasores de “casas” planetárias, ressignificar posturas, valorizar experiências cotidianas, trocar conhecimentos, modular verdades – atos necessários diante do caos planetário ressoante, com o corpo que pesquisa e denuncia a vida passando

ligeira. Avivamos, na contramão de um sistema de extermínio público de nossas potencialidades criativas, fazendo um exercício que nos antecipe da redução mínima do que é apenas belo. Imagens que são a expressão da falta de palavras, por isso propomos perturbar com a nossa descartabilidade humana “[...] o mundo dos ismos, quer englobe a humanidade inteira ou uma única pessoa, não passa nunca de um mundo esvaziado da sua realidade, uma sedução da mentira, terrivelmente real” (Vaneigem, 2015, p. 12). Por que não inventar nossas microutopias de mãos dadas – o conhecimento científico, as sabedorias populares, os esforços políticos –, com o objetivo de aguçar uma composição com a arte e de uma ciência mais social?

O esverdeamento do capitalismo é como uma garrafa descartável verde no chão do cartão-postal: não mostra sujeiras só brilha ao feixe de luz. Ninguém parado como ela para pensar seus reflexos, o porquê do verde da embalagem de uma mercadoria. Pois todo objeto técnico já é dotado de intencionalidade, parafraseando o geógrafo Milton Santos (2013). Buscamos traçar uma conexão técnico-sensorial com o verde no capitalismo, que nos (e)leve até ao plano-paradoxo das garrafas esverdeadas pela ilha. Linhas de fuga, ou mesmo de escape bebístico, em goles de cerveja, pois a garrafa descartável é uma emulação de uma consciência “fabricada” com a cor verde. Um objeto intencional criado para o consumo rápido sem tradução, que se compõe não só de materialidades “visíveis”, mas também de técnicas embutidas nestas lógicas-mercadorias, ou seja, uma espécie de pensamentos-embalagens (ou se preferir ruídos ecológicos). Temos a descartabilidade desse “lixo” no mental, vira vasilhames mentais, neste desdizer de beber mais que uma cerveja.

Um brinde à Ecologia Menor, diria também uma jovem politizada, numa festinha *rave*, consumindo uma *long neck*<sup>4</sup> da marca *Heineken*, um salvo-conduto ecológico, uma ecologia *egotrip*, um insumo polêmico de nosso próprio medo, ou seja, deste corpo vibrátil, parafraseando com a noção da autora Sueli Rolnik (1989), entregue aos desatinos entorpecentes das festas e das aparências esverdeadas. O verde não é só a cor “predileta”, para muitos ela é um resto, um gesto ao ato ecológico. Para a xamânica pesquisadora Ana Godoy, o resto seria aquilo que não passa, um lugar de “suspeita”, de idealizações, de subsunções.

Uma visão de mundo convertida na escolha de uma cor de suco mais saudável para a pele cultural, *detox* mental, vamos artesanizar com a “anarco-punk” Godoy (2011) nos convocando a trabalhar aquém das divisões, em uma divisão que multiplica o gosto pelo trabalho e de beber mais uma

cerveja desta ciência empírica, que nos faz refletir a Ecologia Menor, discursos e imagéticas sobre a “casa” que esverdeou com mercadorias. Assim como disse a autora *outsider* Godoy (2015), em outro texto seu – *Sismografia* –, temos é que nos responsabilizar à contrapelo de uma ecologia que busca integrar para minimizar os efeitos de uma catástrofe planejada. Através deste prisma meio “chapado”, perceberemos com a cor “verde” a intenção de uma estética de consumo, ou seja, de um apaziguamento ambiental pelas pequenas descartabilidades que cometemos.

Nas grandes cidades alimentamos um ciclo de autodestruição estética, política e cultural dos modos de viver, o que fragiliza ainda mais a condição cidadã: entre restos e sujeiras, possibilidades de bifurcações, vias de reflexões por onde circula o que sobrou da nossa rápida e pequena “evolução” – o *Homos Chorume* –, aquele que alimenta de sobras. Resulta deste contato “estragado”, como saída para escapar do óbvio visível. Observar as Paisagens Entrópicas<sup>5</sup>, um desafiar-se cotidiano, em nosso percurso memorial e sensorial, de mirada pelos lugares “feios” da cidade. Terráqueos que andam como formigas pela rua e não pensam sobre seus terrários: se aniquilam como “pessoas sem imaginação” que “começam a se cansar da importância conferida ao conforto, à cultura, aos lazeres e a tudo que destrói a imaginação” (Vaneigem, 2015, p. 13).

O homem esvaziado, o “sola gasta”, o “pilha fraca” da memória e da imaginação, aqueles que não sabem para onde ir e nem para onde vão com tanta informação, em que uma tela é uma substituição sensorial. Com várias consciências planetárias, caminhamos, para além do visual, para além da superficialidade do *selfie*, onde “[...] definir-se com base nos outros é apreender-se como outro. E o outro é sempre o objeto. De tal modo que a vida é medida pelo grau de humilhação vivida” (Vaneigem, 2015, p. 13).

Buscamos narrar nossas antimemórias e sensações neste escrito, numa mente que é invadida por imagens do planeta como vasilhames mentais, ruídos ecológicos que não representam apenas um resíduo local, mas que por meio de pensamentos-embalagens nos abriga na “menor” das ecologias, em um pensar de quem bebe e reflete seu próprio insumo-veneno discursivo. Bebe-se até da armadilha identitária do *slogan*, descartando o lixo mental da consciência eclipsada com o apocalipse motorizado. A descartabilidade da inteligência humana, numa garrafa cada vez menor de sensatez consumista, bebemos e descartamos o pensar na lata de lixo. Resultado: mais garrafas no fim de festa, é tudo que temos a dizer... *Espera o dia amanhecer* (Itamar Assumpção<sup>6</sup>).

Em geral, empresas alimentícias consomem água, produzem açúcar e corante, e dependem de imensas áreas de monocultura de grãos e desertos de eucalipto utilizados no processo de preparação de bebidas alcoólicas. O casco verde se diferencia em que, nessa geografia de produção de alimentos, em relação a outros cascos? Gente de toda a espécie, diria Ana Godoy, talvez pela heterogeneidade de consciências eclipsadas com os vasilhames mentais. Temos espécies de cascos verdes para uma agenda verde.

O capitalismo esverdeado é uma criação sem “fim” para o desenhista do rótulo da marca. Seu público-alvo é este consumista míope (ser não ecológico) que bebe as ideias esverdeadas, pelos goles de propagandas, personificado como consumidores sustentáveis, dos quais fazemos parte também como invasores e aniquiladores da vida. Para Ana Godoy (2023) a gente não gosta de perturbação ou de coisas não quantificáveis, enfraquecemos diante de reais domínios. Num movimento paralelo, empresas alimentícias se esverdeiam com a frequência de satisfação de “novos” e potenciais consumidores de ideias “verdes”. A mercadoria é sempre criada e o suporte é uma conjunção entre ações e objetos. Qual é a cor da natureza da humanidade? Será a de criação “verde”? A cada cerveja consumida, uma boa ideia para refletir o consumir e o escolher, o que temos de fazer? Tudo é um jogo de invenção, talvez só 10% seja mentira. Para Hissa (2002, p. 127) “[...] inventar é muito mais o jogo de construir pela combinação, é muito mais o verbo que impulsiona a brincadeira de criar, encaixando peças, movimentos, informações e pensamentos, numa estética da invenção.”

Inventamos um estetizar visando a cidade de Florianópolis, a capital que serve de cosmos de afetação, para a escrita deste trabalho. A “Ilha da Magia” é reconhecida pelos muitos que aqui vivem e muitos que aqui estão em contato direto. No entanto, percorrendo os espaços de consumo da cidade de Floripa notamos que há uma grande disponibilidade de pequenas embalagens descartáveis, principalmente com uma menor quantidade de conteúdo: por exemplo refrigerantes de 200 ml, podendo ser jogadas em qualquer parte das vias da cidade: um traço dos vasilhames mentais. São pensamentos-embalagens que soam com este ruído ecológico. Um jogo caótico que tem seu início em uma ecologia fabricada na ideia esverdeada, a solidariedade de tantas mensagens de um

cuidar com o *planeta fome* soa como ironia em relação a um turismo completamente insustentável – mais do que restos de lixo nas praias e congestionamentos pela cidade... carros luxuosos em locais “entrópicos” da fuga(cidade) catarinense.

Adentrar na “Ilha da Magia” requer uma subversão política. Preparamos um caldo subversivo que respinga “por todos os lados” inspirado na escrita “curandeiria-artística” de Ana Godoy, um esboço errático que nos fará ver por qual motivo adiante se tem um novo prisma “chapado”: *The dark side of Floripa*.

Estando em contato com a experiência de Robert Smithson, que na década de 1960 fez um tour pelas áreas e paisagens degradadas de New Jersey (EUA). Observamos as Paisagens Entrópicas no bairro Itacorubi, na cidade de Florianópolis, onde se localiza o rio de mesmo nome, que está colocado num *ranking* recente entre os mil rios mais poluídos por plásticos do planeta<sup>7</sup>. Esta região abriga comércios, universidade e uma variedade de ocupações dentro da área do parque municipal do mangue Itacorubi, o que ajuda omitir a pegada ambiental. Extrovertemos em risos “diabólicos” pelas capivaras que atravessam a Av. Madre Benevenuta e que tornavam as pessoas enfeitiçadas pelo próprio modo de ver e perceber o “feio” da cidade, simplesmente destacando-as por serem estranhas e não mais se comoverem.

*The dark Side of Floripa* é uma reflexão sobre o aterramento do ser não ecológico!

Outrizar-se sobre o “feio” é aprender novas formas de olhar, com empatia ao lugar do “outro”, vendo os *bichos de plantão*<sup>8</sup> pelas Paisagens Entrópicas, acionando lampejos e que seguem um deslocamento, uma tentativa de escrever ao substrato n-1, parafraseando Gilles Deleuze. Atravessando a Av. Madre Benevenuta de bicicleta, uma ciclovia bem encaixada ao meio da via asfáltica de Florianópolis, tragamos uma fumaça “preta” de automóveis e motos, respiramos a poluição, e refletimos pensamentos-embalagens, um voar de cheiros, mote discursivo para mexer nesse canteiro-aberto. Emaranhado com as linhas de fuga deste trabalho de construção do pensamento com a Filosofia da Diferença, pensando o planeta como a “casa” para a Ecologia que segue sendo descrita, por meio de afetações, em suas convenções ambientais, em seus modos de integrar o feio. Há uma tensão

biopolítica, no menor do habitar cotidiano, que, atravessada pela mensagem clichê da preservação da natureza a todo custo de *outdoor*, nos coloca em meio a um apocalipse motorizado<sup>9</sup>. A fumaça cinza no concreto é um traço, esboço do feio na arte pública.

Carros que nos carregam em massas inerciais, um objeto de mais de mil quilos de peso, uma massa de “ferro” produzida com 100 mil litros de água, em que todo habitante quer dirigir pelas esquinas das cidades abarrotadas. É essa a paisagem imaginada para um “fim” de festa, em que refletimos o *planeta fome* de Elza Soares, uma espécie de Planeta *Mad Max*<sup>10</sup>, um deserto sem água e comida e todos à procura de imagens mais ecológicas e saudáveis em seus carros luxuosos de plástico. Teremos essa imaginação esverdeamento das consciências.

Canudinhos descartáveis para os aperitivos, bares “embelezados” com plantas de plástico, banheiros lotados com papel no chão, pessoas que pisam em cima de um mangue seu descompromisso. Haja água disponível para lavar as calçadas da burguesia e da vida de todos nós, restos – *Homos Chorume*, um idioma social dessa fantasia com o consumismo exagerado. Aos melhores pagadores de imposto, habitares exclusivos nas áreas *vips* dos bares lotados, academias com vitrines abertas ao passeio da avenida, uma selva de pedra no meio de um mangue aterrado pelo ser não ecológico. Paisagens Entrópicas ao invés de cartões-postais, desabrigando bichos-moradores como os *tapicurus*<sup>11</sup> que se alimentam de restos jogados no rio Itacorubi, além dos jacarés que dormem no canal do shopping center Vila Romana. Nossos olhos doem com tanta publicidade, pedintes fazem malabares nos sinais de trânsito, pelo chão da rótula de trânsito guimbas de cigarro nos canteiros, não é o “fim” do mundo, perfume de hamburguer estalando na chapa. Sentimos o cheiro da carne assada que escapa pela ciclovía e encontra aqueles que passam na rua e gostariam de respirar um ar “menos” pesado.

A embalagem voa pela ventania como o homem que joga plástico pela ponte do rio Itacorubi, além de pescadores “clandestinos” que tentam matar o restante que “sobra” dos peixes, em meio a resíduos plásticos nos bancos de areia das margens poluídas de um rio sufocado. Água turva, enfim... uma conversa estragada que vai com o caminhar da badala, que vai mostrando sobras e restos, mais alguém que amassa “rápido” um papel e joga no chão, um jogar de “ombros” da sociedade. Assim mesmo o esverdeamento do capitalismo segue molecular até a última fronteira do

consumidor, que carrega copos de cerveja e descarta ainda mais plásticos. Nossos olhos perdem-se de vista com as vitrines e ofertas, este *ser não ecológico* segue amaldiçoado pelas mercadorias, não reconhecendo a arte pública destes restos planetários.

## **Arte-Encruzilhada, errâncias e (des)limites da palavra**

Nada melhor que errâncias para dar *tempo ao tempo*, ao desvio de linhas e limites para compreender outros mundos por novas miradas: fazendo da arte a encruzilhada que se quer dizer sobre o que se quer realmente viver e de propósitos mais transformadores. Basta fazer da rota o próprio desconhecer. Deixar-se afetar pela vida sensível e não apenas classificar a paisagem que é captada, mergulhar no conjunto polissêmico da (fuga)cidade, criando dissenso com as potências avistadas. A vida à deriva pela cidade, para além de uma experiência sensorial, que possa se transformar num modo de pesquisar a arte pública que reverbere entre o espaço físico e o visível dos olhos, aos espaços que compartilhamos com nossas lentes, mas também com o habitar de pensamentos-embalagens.

Um personagem é criado nessa sofrência diária, o *Homos Chorume*, aquele que vê o jacaré como um estranho na avenida, pois buscam o sol, mas se oferecem como moldura para reflexão de transeuntes do bairro Itacorubi. Mais uma microutopia a derivar, uma epifania cotidiana que abriga *bichos de plantão* da região, esse cenário artístico que nos metaboliza ao viver o desconhecido habitante rastejante, envolvendo a ação, escolhendo lugares “indesejáveis”, um olhar para além do óbvio turistificado.

Localizado na região centro-oeste da cidade de Florianópolis, a microbacia do rio Itacorubi encontra-se entre os mil rios mais poluídos do mundo em volume de lixo. Um paradoxo existencial ao visual em relação ao bom patamar de índice de desenvolvimento humano da cidade de Florianópolis (IDH – 0,84). O que podemos aferir nessa contradição estatística? Uma ruidosidade de números que não fala por si, como insuflar o cidadão a subverter com o campo visual. Como procurar o desconforto visual para aprender? São muitas dobras numa mesma realidade e apenas a nossa leitura com os pés. Vida vazia que recolhe restos e deixa ultrapassar as camadas,

para também desinfinetizarmos a beleza de mais um cartão-postal. Para Deleuze e Guattari (1995, p. 17), “[...] as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização, segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras”.

Caminhões de lixo que percorrem o mapa inevitável do habitar catarinense, onde o cidadão se torna também um coautor de Paisagens Entrópicas. São grandes patrimônios que administram grandes riscos do capitalismo e que em face da perda do lucro parental multiplicam vasilhames mentais pela cidade embelezada. Problematizamos as “vitrines” e os “restos” da cidade com as identidades visuais, uma academia pública e um ponto de ônibus com a propaganda de uma clínica de estética, cenas do *mainstream* ideológico da saúde ambiental catarinense. A composição se deu com restos das Paisagens Entrópicas pelo olhar de um *Homos Chorume*, uma forma-tentativa de superação para conceituar a Arte-Encruzilhada.

Esse jogo de conversações em tom trágico-cômico não pretende se “esquivar” da necessidade de realizar mais leituras de mundo e se chocar, mas parte da miríade de nossas afetações cotidianas que traz aqui um observar de um rio poluído para poetizar o medo da vida como o nosso maior conselheiro, como diz Tom Zé na canção “Dodó e Zezé”<sup>12</sup>, – um tom a destarte? A outra cidade – um dia-bólico para construção deste texto.

Os sonhos são arte do que não vivemos, será que inventar a cidade é conceituar a arte pública? Temos símbolos que nos dragam que não são a verdade, no caso de crianças, mas que captam as catástrofes, veem as explosões, sentem os eventos sonoros – todas as sonoridades do aprendizado com os ruídos da cidade. O barulho de milhares de garrafas de vidro se quebrando, uma arte sonora de uma imaginação que possa ser perturbadora, uma Arte-Encruzilhada, uma percepção com a realidade que assusta: vasilhames mentais que nos quebram!

Consciências trituradas com as garrafas jogadas pelo chão de bares movimentados da avenida, misturas de responsabilidades e sensibilidades. A esses medos registramos as ondas desses movimentos imperceptíveis no corpo e de pequenos abalos do sentir, como um sismógrafo, uma escuta de sonar, em busca de novos passos e colapsos cotidianos. Ana Godoy, ao pensar o âmago do artista, nos tira do eixo do comum, “[...] tranquilizar é uma tarefa de outros; a nossa é inquietar. [...] mascateamos o que é estranho, mercados que somos do espanto (Godoy, 2008, p. 45).

O capitalismo é a venda da alma, as pequenas negociações. No dia a dia, se compra e se vende por negócio do ver. Nossa reprodução se dá pelo processo ir e vir ao consumo. O produto (objeto) técnico é um resultado de um valor agregado do trabalho esquecido nas distâncias dos direitos trabalhistas, que agrega uma imagem de vida. Uma mesma marca, um modo de se limitar, a depender da variação do preço em relação ao local que se habita, quanto custa se esquecer? Nada mais tranquiliza.

A Arte-Encruzilhada é um produto da afetação espacial entre o “belo” e o “feio” que quer, em lugares comuns, reativar imaginários futuros e romper com o estado de anomia em que se encontram. Em contraposição às visibilidades, somos todos levados às vitrines e às Paisagens Entrópicas, pela Arte-Encruzilhada, nos redirecionamos ao comum que habitamos (e não vivemos) para rever nossas concepções do que seja “belo” ou “feio”, uma “metamorfose” da participação com as artes e com o espaço público. Territórios que são descobertos pelo domínio das forças não como dados, mas pelos restos que marcam, como os jacarés que buscam um lugar ao sol nas valas do esgoto, em frente ao shopping construído dentro da área do mangue da região do Itacorubi. Afinal, movendo pelo mesmo para descortinar os diferentes, deixamos a repensar com a autora Kastrup *et al.* (2012, p. 12), “[...] a realidade cartografada se apresenta como um mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de ‘o mesmo’ não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder.”

Seguindo o embrenhar nesse mangue do Itacorubi que traz o sentido deste escrito, temos vasilhames mentais como imagens de garrafas de vidro que fazem barulho e nos levam a tramar com Paisagens Entrópicas que nos incomodou. Uma Ecologia Menor que interage com a complexidade da conceituação do escrito. Cruzamos e tecemos, um lote abandonado cheio de “cacos”, deslocamentos “disruptivos”, na busca de um fio tecido com as ideias de Ana Godoy, xamanizado pelo criar, fugindo do óbvio, performando nossas heresias acadêmicas e modos de experimentar à pesquisa dedilhada com memórias e imaginações da região em coexistência com o que nos amarra.

## Uma partitura dissonante – *the end of the night*

A arte está aí, para não irmos direto para o bueiro, ou seja, para também nos fazer enxergar o chão de nossas caminhadas com a vida e desenhar com o feio. Tudo fora de “lugar”, quando elas nos levam para um combate incerto, “[...] escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência uma máquina abstrata” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 37). Somos voz num beco sem saída, em que prismas navegam pelas ressonâncias e errâncias, minhas palavras e nossas intencionalidades. A compressão de deslocamentos no campo dos imaginários cartográficos – pegando a verve deleuziana –, nos coloca a divagar sobre a poética antimemória. As lógicas das empresas desenham cidades e pensamentos-embalagens; personificadas pela fome e pelo desconhecimento em adesão à (fuga)cidade. O maravilhamento com imagens em nossas próprias lentes, já nutrem a farta prateleira de produtos alimentícios, o que se mistura aos fetiches do belo que esconde o feio que também é arte pública.

A vida é por acaso, como a fila do supermercado, esperando passar os produtos na esteira, crianças vibrando com seus desejos pelos pensamentos-embalagens, em que pais se misturam em suas responsabilidades ilhadas de vasilhames mentais, não sabemos lidar com os olhos “rápidos” das crianças. Uma besteira costuma ser o estopim da discórdia na fila, pais esbravejam – a embalagem é uma vitória do capitalismo. Um desejo movimenta o interessado, basta uma nova marca, um desejo de experimentar as sensações do doce e do salgado, um conteúdo colorido nas telas dos celulares, consumido com risos e olhos. Aliás... imagem-pensamento, chama da curiosidade tácita, busca pelo agir-querer, vontade orgânica de mais uma compra realizada pelo afã da imagem.

O bairro Itacorubi se localiza no meio do mapa da cidade de Florianópolis, áreas acidentadas de matas e cachoeiras encravadas nos morros da região, que são as nascentes do Rio Itacorubi. Moradores andam por essas áreas, é uma parte preservada que sofre a pressão do comércio e de vias de circulação de carros. Mas o pior é em relação a área da Av. Madre Benevenida. A Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) se encontra dentro desse grande mangue que foi recortado pelos empreendimentos urbanos, que é perímetro do Parque Municipal do Manguezal do Itacorubi, inclusive tendo acesso pelo próprio campus.

Para a autora Veronica Hollman (2007), estabelece uma interessante relação entre a cultura visual e a Geografia, que se reconhece que é a partir desta disciplina que se forja um “repertório” visual e, portanto, também através da formação de uma *agenda de indagação*. Me indago, como a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), enquanto instituição de pesquisa tem se potencializado com esta afetação pelo feio das imediações? Careço de mais comprovações poéticas, para tergi- versar sobre o fato que não se acata. Não conheceremos todos os locais do mundo, mesmo se quiséssemos, acredito, mas talvez àqueles que viveremos, entre a articulação de imagens e experi- ências, temos como missão também de (des)construir o belo com a afetação do feio. Acrescentaria ainda ao ponto de vista da autora, dentro da reflexão, a inclusão das Paisagens Entrópicas, pois “cada imagem é ela um próprio quadro de inclusões e exclusões” (Hollman, 2007, p.126). As questões visuais e tácteis da (fuga)cidade de uma Arte-Encruzilhada, também construídas nesse binômio de exclusão-inclusão das imagens, são àquelas das quais pudemos refletir com nossas consciências planetárias.

Os mapas-decalques podem traçar linhas e alteridades, explorando o princípio da decalcomania, extraído do texto *Rizoma*, de Deleuze e Guattari (1995, p. 20), exposto nesta escrita errática, em que se traduz o mapa em imagem, já transformando o rizoma em raízes e radículas. A relação sujeito/ objeto é perdida nas Paisagens Entrópicas, pois abriga um conjunto de deslocamentos que desa- gregam a visão não cartesiana, ou seja, potencializando explorar nossos imaginários, relações, intensidades, variações.

Para Ana Godoy, se começa a construir um entendimento de algo do “nada” e da pesquisa do “tosco”, do “sujo” e do contaminado, numa política de experimentação do porvir. Fizemos andanças pelo Bairro Itacorubi. Cachoeiras sendo visitadas do morro do Quilombo, uma espécie de crustáceo de água doce na água do poço maior (parecia uma aranha, mas se chama Pitu<sup>13</sup>), no alto do Itaco- rubi. Um camarão de água doce neste lugar, do qual não imaginávamos encontrar tal forma de vida tão minúscula, que nos celebra da diversidade do ver. Uma ladeira esburacada vai até lá. Uma vista que privilegia a visão do tamanho da área de mangue. Já perto de uma pequena ponte, em uma viela que leva ao supermercado “É de casa”, vimos novamente os *Tapicurus*, coletando seu alimento

na água. Espaços pouco visitados é que nos mostra a riqueza da fauna do lugar, diante de um exercício de caminhar, sensações que buscamos cartografar, o que nos gera uma capacidade de ver e enxergar o que não paramos para artistizar.

Talvez, reflexos da partitura dissonante, nossos trajetos-ideações nos colocam em risco de mirarmos, para uma sensação de maravilhamento, numa esteira de ações e objetos dentro da ideia de uma espacialidade do feio. Chamamos a atenção para os vasilhames mentais, uma composição de desejos e agenciamentos maquínicos, que muitas vezes se tornam uma defesa do sistema de símbolos e signos, à baila da produção de pertencimentos, que se associam a geração de rebotes de agires-fazeres com as falsas consciências que podem ser esverdeadas, dentro da composição das representações coletivas de mundo que podem ser exploradas na reflexão com a concepção da Ecologia Menor – inspirada na autora Ana Godoy.

Em uma conversa de Gilles Deleuze e Michael Foucault<sup>14</sup> sob a relação teoria-prática na pesquisa, o autor enfatiza que podemos considerar a realidade sempre toda fragmentada. Foucault (1972) respondendo à questão de Foucault sob novas maneiras de relacionar a prática e a teoria, comenta um processo de aterramento, do qual temos por um lado uma teoria que é sempre local, relativa a um pequeno domínio, mas que também pode ser aplicada a um outro domínio. Ou seja, na reflexão desse “embate” entre teoria e prática, para um intelectual teórico que deixou de ser um sujeito, falamos é por todos que nos habitam, nada mais.

Para Foucault (1972), falando da produção de consciências nos diferentes nichos, tratamos é de grupos pequenos. Tal qual para os restos no esverdeamento do capitalismo, estamos fazendo multiplicar o que falamos do menor e do que não agimos muitas vezes.

## REFERÊNCIAS

BRISSAC, Nelson. **Paisagens críticas Robert Smithson: arte, ciência e indústria**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1972. p. 69-79.

GODOY, Ana. A menor das ecologias [apenas um esboço, nada senão o esboço de um esboço]. **Cadernos de Subjetividades**, São Paulo, n. 13, p. 143-153, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38468/26126>. Acesso em: 10 out. 2023.

GODOY, Ana. (org.). **Livro dos afetos**. São Paulo: EdUSP, 2008.

GODOY, Ana. Sismografia. **Climacom Cultura Científica: Pesquisa, Jornalismo e Arte**, ano 2, v. 2, 2015. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sismografia-2/>. Acesso em: 10 maio 2023.

GODOY, Ana. **Somos todos invasores**: pensando a sociabilidade das espécies. Curso de extensão. Santa Catarina: Grupo Atlas: Udesc, 2023.

HOLLMAN, Veronica (org.). **Geografía y cultura visual**: los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio. Buenos aires: Editora, 2007.

HISSA, Casio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

KASTRUP, Virgínea; PASSOS, Eduardo; ESCÒSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LUDD, Nedd. **Apocalipse motorizado**: a tirania do automóvel no planeta poluído. São Paulo: Editora Conrad, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: EdUSP, 2013.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as próximas gerações**. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

## NOTAS

---

- 1 *Planeta fome* é o trigésimo quarto álbum de estúdio da cantora brasileira Elza Soares. A capa foi elaborada pelo cartunista Laerte Coutinho. A ilustração de Laerte é surrealista e traz a imagem de um planeta populoso, poluído e com referências às origens da cantora, nascida e criada no subúrbio do Rio de Janeiro. Parte deste texto inicial foi extraído da descrição deste trabalho musical, lançado pela gravadora Deckdisc em 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Planeta\\_Fome](https://pt.wikipedia.org/wiki/Planeta_Fome). Acesso em: 4 out. 2023.
- 2 A pesquisadora Ana Godoy nos trouxe em um curso *on-line* em set./out. de 2023 intitulado “Somos todos invasores: pensando a sociabilidade das espécies” ideias de Emanuele Coccia do livro *Metamorfoses*, mencionando que diante da multiplicidade do mundo de hoje, a gente precisa sempre invadir a vida do outro, pois ainda existem muitas possibilidades de “roubar” o que nos fortalece, como nossos aliados, para trabalhar de um outro jeito, mas deslocando o nosso regime de sensibilidade. Principalmente, segundo ela, mergulhando para dentro de si, “fora” das taxonomias, abrindo palavras, dentro da diversidade contaminada na ideia de Coccia, para pensar a vida com a prática de metamorfoses. Frisa a autora, o que nos é próprio, não nos pertence, pois não há nada na face da terra que não tenha sido modificado com o nosso agir. Ainda mais, acrescenta: no mundo da economia liberal é preciso decidir se estamos na linha dos assassinos ou dos poetas.
- 3 GRAVEOLA E O LIXO POLIFÔNICO. Vozes invisíveis. Youtube. 14 agosto de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kn03LdbS\\_fA](https://www.youtube.com/watch?v=kn03LdbS_fA). Acesso em: 9 out. 2023.
- 4 A garrafa nomeada pelo pescoço longo é uma miniatura de uma garrafa maior, o que favorece o aumento do consumo de cerveja e exacerba o individualismo, potencializando o desperdício, pois esquenta muito mais rápido que a garrafa grande.
- 5 Robert Smithson é um artista americano que operacionalizou suas imersões artísticas pelas metamorfoses da cidade de New Jersey (EUA) na década de 1960. Desenhou o conceito Paisagens Entrópicas (*apud* Brissac, 2010), explorando esses embates entre as relações antrópicas alertando a paisagem modificada pelo homem. Desenhou com o feio, mas também com o futuro, poetizando a sociedade pós-industrial.
- 6 Canção contundente “Fim de festa” do álbum musical *Isso vai dar Repercussão*, dos tótons Naná Vasconcelos e Itamar Assumpção. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O1iVIFSdoTw>. Acesso em: 4 out. 2023.
- 7 Reportagem sobre o *ranking* dos rios mais poluídos, tendo em vista o volume de plástico produzido, disponível na página do vereador da capital de Florianópolis. Disponível em: <https://www.marquitoagroecologia.com/post/santa-catarina-tem-10-rios-entre-os-1000-mais-polu%C3%ADdos-do-mundo>. Acesso em: 22 out. 2023.
- 8 *Bichos de plantão* é uma expressão encontrada na letra de música. Canção inspiradora do artista mineiro Lelin Snipes, morador da cidade de Viçosa-MG. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6Cgr62tvGBY?si=et0hb2bsD52Kg4Mp>. Acesso em: 22 out. 2023.
- 9 Apocalipse Motorizado é um livro anarquista de Ned Ludd (2005), que nos apresenta o cenário de guerra mundial: milhões de carros e mortes por acidente em um planeta poluído à beira do caos.
- 10 MAD MAX. Direção: George Miller. Produção: Byron Kennedy. Intérpretes: Mel Gibson, Hugh Keays Byrne. Roteiro: George Miller James McCausland. Austrália: Warner Bros. Pictures, 1979.
- 11 O tapicuru é uma ave de porte médio e pelagem preta, muito encontrada em campos abertos e mananciais da cidade de Florianópolis em Santa Catarina. Alimenta-se de crustáceos, moluscos, caranguejos e inclusive matéria vegetal (sementes e folhas). Observei à procura do seu alimento na água rasa das águas dos esgotos que desaguam no rio do Itacorubi, usando o bico para isso, caminhando lentamente.
- 12 Canção icônica e animada “Dodó e Zezé”, do artista brasileiro Tom zé no álbum *Todos os Olhos*, de 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9hxs4hdEBY>. Acesso em: 22 out. 2023.
- 13 Pitu é um pequeno camarão de água doce e de coloração marrom, o qual encontramos na cachoeira do “poço”, que se localiza no alto das matas do Morro do Quilombo no bairro do Itacorubi.
- 14 “Os intelectuais e o poder” (1972) é uma série de entrevistas na qual Gilles Deleuze participa de um diálogo com Michael Foucault.